

RELAÇÕES DE GÊNERO: UMA INVESTIGAÇÃO SOBRE AS EXPERIÊNCIAS VIVIDAS POR DOCENTES DE LETRAS

Ani Camila Barcellos Pereira¹
Ellem Rudijane Moraes de Borba²
Maristani Polidori Zamperetti³

RESUMO

A pesquisa que será relatada a seguir se insere no tema “Interdisciplinaridade, Diversidade e Inclusão”, isso porque, versa sobre as relações de gênero no ambiente escolar a partir das experiências docentes. A justificativa de tal estudo é em função da minha primeira vivência enquanto professora de Língua Portuguesa no Ensino Médio. Nesse período, notei o quanto a interação com os alunos, nas mais variadas práticas pedagógicas, proporcionava a abordagem de diversos assuntos, os quais iam além dos conteúdos gramaticais, e dentre eles, destaco as relações de gênero. A partir disso, elaborei o seguinte problema de pesquisa: “Compreender qual o entendimento e de que forma experienciam, enquanto professores de Letras, as relações de gênero?”. Com isso, pude formular os seguintes objetivos: colaborar com a discussão sobre as relações de gênero no ambiente escolar; dar voz aos professores para que possam expor como as relações de gênero permearam suas experiências; construir um diálogo com os colegas de área para que possamos trocar experiências; e, por fim, valorizar as experiências docentes. O referencial teórico inicial abarca autores como Louro (2000) para tratar sobre as relações de gênero, isso porque, de acordo com a autora, os corpos (masculino e feminino) adquirem sentido de acordo com a cultura em que estão inseridos. Ademais, os pesquisadores Gesser, Oltramari e Panisson (2015) discorrem sobre a concepção que os docentes da Educação Básica têm sobre sexualidade, considerando que esta contribui para a estruturação das práticas pedagógicas. Há, também, Josso (2009), que sustenta a autoformação a partir das histórias de vida, de forma a promover uma mutação de si, a qual pode estar inserida na formação continuada. A metodologia qualitativa utilizará como instrumento de pesquisa entrevistas semiestruturadas com professores de Letras de um dos *campi* do Instituto Federal Sul-rio-grandense, no qual tive o privilégio de trabalhar como professora substituta, durante todo o ano de 2015.

Palavras-chave: Formação de professores; Relações de gênero; Experiências docentes.

¹ Aluna de Mestrado do Curso Pós-Graduação em Educação, pela Universidade Federal de Pelotas. Grupo de pesquisa: Pesquisa, Ensino e Formação Docente nas Artes Visuais (UFPel/CNPQ). E-mail: acbarcellos@hotmail.com

² Aluna de Mestrado do Curso Pós-Graduação em Educação, pela Universidade Federal de Pelotas. Grupo de pesquisa: Pesquisa, Ensino e Formação Docente nas Artes Visuais (UFPel/CNPQ). E-mail: ellemsdjb@gmail.com

³ Doutora em Educação. Centro de Artes/PPGE (FaE) - Universidade Federal de Pelotas. Coordenadora do Grupo de pesquisa: Pesquisa, Ensino e Formação Docente nas Artes Visuais (UFPel/CNPQ). E-mail: maristaniz@hotmail.com.

1 INTRODUÇÃO

Assim que adentrei na universidade no curso de Licenciatura em Letras pela Universidade Federal de Pelotas (UFPEL), comecei a refletir sobre vários aspectos da profissão docente. Porém, tinha um questionamento que não saía da minha cabeça, o qual estava baseado em saber de que forma os professores que me davam aula tinham chegado até ali, com o conteúdo “na ponta da língua”, com aquela postura e didática. Logo nos primeiros semestres já tive certeza de que queria seguir a carreira docente, pois por mais que eu não compreendesse muito bem como se constituíam os professores que davam aula, eu admirava e almejava ser como eles.

No entanto, apesar de ter certeza que queria ser professora, sempre me sentia instigada, ansiosa e extremamente curiosa para saber como seria o momento em que eu iria entrar em uma sala de aula e ministrar uma aula sozinha. Isso porque, durante a minha graduação questionava-me sobre quais conhecimentos que eu estava adquirindo e que seriam pertinentes para minha atuação como titular de uma turma.

O fato de ter participado do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) como bolsista colaborou, juntamente com os estágios, para que tivesse uma prévia de como seria “dar uma aula de fato”. A experiência que tive durante o PIBID me fez compreender como era a dinâmica do espaço escolar e o quanto esta afetava o desenvolvimento das práticas em sala de aula. Além disso, ser bolsista do PIBID também me proporcionou, pela primeira vez, a elaboração de uma pesquisa sobre como ocorria a formação dos professores da Educação Básica que atuavam junto ao PIBID. A convivência com os professores que já estavam atuando há anos fez com que eu percebesse o quanto a troca de experiência com o outro colabora positivamente na formação docente, principalmente nessa fase inicial, em que as dúvidas se fazem tão presentes. Como resultado, percebi o quanto é relevante o profissional da área da Educação buscar meios que permitam a formação continuada, isso porque, a “[...] a formação docente é um processo inacabado e que deve estar em constante movimento (FÉLIX, 2015, p. 229)”.

E foi pensando nisso que acabei cursando e concluindo o Curso de Pós-Graduação *Lato Sensu* em Educação, pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense (IFSUL), Campus Pelotas, na linha de pesquisa “Ensino e Formação de Professores”. Por acreditar

que precisava de mais subsídios para meu aperfeiçoamento, acabei ingressando no Mestrado em Educação pela UFPEL, na linha de pesquisa “Formação de professores, ensino, processos e práticas educativas”.

Entre o período do término da Especialização e antes do início do Mestrado tive a chance de ter a minha primeira experiência docente: fui nomeada como professora substituta em dos campi do Instituto Federal Sul-riograndense (IFSUL). Constatei a partir disso, que lecionar extrapola o conhecimento dos conteúdos programáticos e que é imprescindível ter a capacidade de dialogar a respeito dos mais variados temas dentro do espaço escolar. Contudo, geralmente na fase inicial da carreira o professor não se sente capacitado para dar conta da diversidade de situações: “[...] o professor iniciante vivencia a complexidade e a imprevisibilidade da realidade de sala e percebe a distância entre os seus ideias educacionais e a vida cotidiana nas escolas onde começa a atuar (LEONE; LEITE, 2011, p.280)”. E dentre as várias situações que se apresentam, destaco as abordagens relativas às relações de gênero, uma vez que

gênero é um marcador que organiza a nossa sociedade, que nos tornamos homens e mulheres por meio de intensos processos pedagógicos que, em geral, não dão conta da multiplicidade de possibilidades de ser homem e mulher neste mundo [...]; atravessa a organização dos espaços e das instituições, atua na elaboração e na operação da legislação e das políticas públicas [...] (FÉLIX, 2015, p. 229).

Considerando a relevância e a interferência das relações de gênero na sociedade como um todo e, por consequência, dentro do ambiente escolar, elaboro a presente pergunta de pesquisa pra minha dissertação: “Compreender qual o entendimento e de que forma experienciam, enquanto professores de Letras, as relações de gênero?”. A proposta baseia-se no diálogo com os outros docentes da área em função da minha pouca experiência. E para organizar o percurso deste estudo, formulei os seguintes objetivos: colaborar com a discussão sobre as relações de gênero no ambiente escolar; dar voz aos professores para que possam expor como as relações de gênero permeiam suas experiências; construir um diálogo com os colegas de área para que possamos trocar experiências; e, por fim, valorizar as experiências docentes.

Como referencial teórico inicial, evidencio as ideias de Louro sobre as relações de gênero, a qual diz que *“os corpos ganham sentido socialmente. A inscrição dos gêneros – feminino ou*

masculino – [...] é feita, sempre, no contexto de uma determinada cultura e, portanto, com as marcas dessa cultura (LOURO, 2000, p. 9). Importante ressaltar que embora haja uma interferência significativa dos órgãos genitais na constituição das propriedades ditas femininas e masculinas, estas não devem ser as únicas características a serem consideradas para se estabelecer o padrão socialmente aceito de gênero. Isso porque, de acordo com Botton e Strey (2013, p. 3) é preciso repensar as possibilidades de expressão dos indivíduos para além da determinação da parte biológica. Levar a discussão sobre gênero para dentro da sala de aula é algo primordial, no entanto, é fundamental compreender a gama de conhecimento que é preciso ter para levar tal discussão adiante, dado que

[...] gênero visto como a construção e a prática de papéis dicotomizados considera que as representações de masculino e feminino são aprendidas através do desempenho de papéis determinados socialmente [...]. Esta visão dicotômica e binária da questão de gênero deixa de fora da análise das relações de gênero e poder, criando estereótipos de papéis de homem e de mulher. Essa visão também não explica como os papéis são definidos e quem os determina, ocultando a hierarquização e desigualdade [...]. De maneira geral as dicotomias entre masculino e feminino seguem um raciocínio baseado em construções sociais de uma sociedade historicamente comandada e organizada sob a ótica masculina [...] (CARVALHO e TORTATO, 2009, p. 24).

Toda e qualquer discussão que for levada para a escola precisa ter como foco principal a busca pelo conhecimento, por isso se faz importante o professor compreender boa parte das teias que envolvem as relações de gênero em nossa sociedade. Logo, é importante que se garanta que a escola se reconheça como um espaço que

[...] pode reproduzir papéis de gênero e modelos de sexualidade que oprimem, mas que também podem construir relações que libertem e nas quais a dignidade humana e a igualdade de direitos poderão ser princípios norteadores. A legislação brasileira traz essa perspectiva, prevê a igualdade de direitos e deveres entre homens e mulheres e estabelece entre os objetivos da República Federativa a promoção do bem de todas as pessoas, sem preconceitos ou qualquer outra forma de discriminação. A concretização desse objetivo depende de reflexões sobre gênero e sexualidade, para que essas categorias deixem de ser utilizadas para classificar, discriminar e excluir e contribuam para a criação de novas formas de abordagem que desconstrua preconceitos e discriminações – atividades que podem ser assumidas pela escola (FERREIRA; LUZ, 2009, p. 37).

Adiante, destaco a pesquisa realizada por Gesser, Oltramari e Panisson (2015), a qual diz que as concepções que os docentes da Educação Básica têm sobre gênero e sexualidade interferem

na elaboração de suas práticas pedagógicas e atuação docente. E de fato interferem, pois constatei que durante a minha experiência enquanto docente não me senti a vontade para desenvolver alguma atividade em que as relações de gênero estivessem em evidência. Primeiro, em função da minha falta de conhecimento e de preparo, segundo, encarar uma sala de aula com alunos adolescentes que estão sempre dispostos a darem a sua opinião e, dificilmente, estão disponíveis para ouvir e respeitar a opinião alheia ainda é um tremendo desafio para mim. Desta forma, posso dizer que estes fatores foram determinantes para que eu adotasse a postura de não propor nenhuma discussão sobre este tema.

Assim, acrescento que uma das possibilidades para explicar a minha falta de conhecimento sobre gênero provém do período em que estive na graduação, dentre outros fatores. Durante todos os semestres não tenho memória de ver alguma disciplina, seminário ou curso em que tivesse como tema central as relações de gênero ou assuntos similares. Saliento que terminei a graduação no ano de 2013 e, atualmente, não tenho conhecimento de como está organizado o currículo de licenciatura do curso em que me formei; cito isso, pois creio que possam ter ocorrido mudanças relativas a esse ponto em questão. Dando sequência, isso mostra o quanto ainda há “[...] *carência da discussão aprofundada acerca do gênero, da sexualidade e mais especificamente diversidade sexual nos cursos de formação de professor*” (FERREIRA, 2011, p. 2). E é por esse motivo, também, que afirmo o quanto é fundamental a busca por mais instruções e informações e, também, a possibilidade de troca de vivência entre os professores, pois a experiência de um certamente pode colaborar para a elaboração de propostas pedagógicas de outros.

Prosseguindo, como pretendo explorar as experiências de vida dos docentes, trago Josso (2009) como uma autora que contempla a autoformação baseada nas histórias de vida, com a intenção de provocar uma transformação de si, a qual corrobora para sua inclusão na formação continuada. Ao observar e refletir sobre a minha trajetória enquanto aluna de cursinho preparatório para o vestibular, como graduanda de um curso de licenciatura, como professora substituta e como aluna de cursos de formação continuada, analiso o quanto os atravessamentos dessas vivências colaboraram significativamente para a percepção que tenho de mim enquanto docente e, principalmente, do quanto é necessário se repensar e se avaliar para lidar com tamanha

pluralidade de experiências advindas do espaço escolar. Primeiro faço essa análise a partir das minhas vivências particulares e, posteriormente, pretendo interagir com os outros docentes que atuam na mesma área que eu, para que possamos trocar experiências, pois conforme Josso, o processo de integração com o outro, de forma coletiva também colabora para que o sujeito, ao pensar sobre si, possa considerar as experiências e vivências dos outros.

A explicitação desse processo precisa de um conjunto de atividades reflexivas ora individuais, ora coletivas que, no jogo de alternâncias, alimenta a tomada de consciência, não somente daquilo que foi formador e em que nível foi, mas igualmente das dinâmicas às quais o sujeito se entregou ou se deixou levar. Esse conjunto de atividades reflexivas consiste também num processo de conhecimento cujo intento é a compreensão da formação do sujeito e do lugar nesse processo (JOSSO, 2010, p. 189).

E como podemos pensar na elaboração de uma aula em que o aluno possa se sentir a vontade para compreender a si e a sociedade que o cerca e para dialogar sobre os mais diversos assuntos, se nós, professores, não nos conhecemos o suficiente para repensar nossos posicionamentos? São tabus, preconceitos, conceitos, medos, angústias, entre tantos outros atravessamentos e sentimentos que nos constituem e nos permeiam enquanto seres humanos e, por consequência, como professores. E é por isso que se torna tão necessária a narrativa de si, porque somente quando nos percebemos e nos conhecemos é que podemos colaborar para que o outro se perceba, perceba os outros e, principalmente, respeite e conviva com o diferente.

A reflexão sobre o seu processo de formação não permite apenas situar-se numa história e numa continuidade temporal, ela conduz progressivamente o sujeito a questionar-se sobre a sua visão do humano em sua dimensão terrestre (de que é feito o humano?) e em sua dimensão cósmica (o que é humanidade?). Essa dupla dimensão tem o efeito de clarear a atitude do sujeito a respeito da aprendizagem e das atividades educativas (JOSSO, 2010, p. 190).

2 METODOLOGIA

Como acredito que a troca de experiências e vivências entre os professores é parte fundamental da carreira docente, proponho a elaboração de uma entrevista semiestruturada, na qual pretendo elaborar perguntas que possibilitem compreender como foi e como tem sido as experiências relativas às relações de gênero dos meus colegas de área. Posteriormente, como

encaminhamento de pesquisa, realizarei grupos de discussão sobre o tema, buscando apreender outros subsídios para compreensão das relações de gênero no espaço escolar. Os sujeitos que contribuirão para a efetivação desta pesquisa são os docentes da área de Letras campus do Instituto Federal Sul-riograndense, o qual tive o privilégio de trabalhar durante todo o ano de 2015. O tempo em que estive como professora substituta pude criar vínculos, os quais me sinto a vontade para dialogar com os colegas sobre este tema.

A metodologia que irá subsidiar o presente estudo está baseada no estudo de caso, o qual possibilita averiguar de forma intensiva *“um indivíduo [...] ou grupo [...] com vistas a obter generalizações a partir de uma análise abrangente do tópico de pesquisa como um todo (MOTTAROTH e HENDGES, 2010, p. 114)”*.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ao me aproximar do tema relações de gênero, a primeira averiguação que fiz foi refletir sobre a minha experiência enquanto graduanda de Letras. Durante esse período, infelizmente, não tive oportunidade de participar de algum curso ou me inscrever em alguma disciplina em que a questão central fosse as relações de gênero ou assuntos correlacionados. E a relevância de tal constatação se faz necessária, uma vez que os Parâmetros Curriculares Nacionais presumem, a partir dos “temas transversais”, a abordagem sobre gênero no espaço escolar (BRASIL, 1998). Sem dúvida de que a ausência desse tipo de conhecimento colaborou negativamente para que eu não me sentisse segura e amparada para preparar e aplicar um plano de aula em que as relações de gênero fossem o tema predominante.

E é por isso que se torna necessário pensar sobre os currículos organizados para os cursos de formação inicial, os quais devem ser pensados a partir de uma organização que coloque os temas transversais como um todo em evidência. Elaborar currículos que

[...] contemplem gênero e sexualidade como questões importantes é uma operação ética, política, pedagógica e institucional atravessada por disputas e tensionamentos. Aqui, parecem caber as seguintes questões: que professores/as queremos formar? Como organizar currículos que deem conta de abordar gênero e sexualidade? (FÉLIX, 2015, p. 226).

Além disso, observei que os trabalhos e pesquisas são recentes e que ainda há um vasto campo a ser explorado quando o assunto é relações de gênero no espaço escolar e, principalmente, no que diz respeito à formação docente para lidar com esse assunto. Tal evidência se deu ao realizar o levantamento bibliográfico sobre as relações de gênero a partir das experiências docentes.

Ademais, acrescento que o presente estudo encontra-se em fase de elaboração, logo, estou em busca de mais entendimento teórico sobre as relações de gênero, a formação docente, e, também, uma maior compreensão sobre as experiências docentes e como elas contribuem para a formação.

4 CONCLUSÕES

Depois da minha primeira experiência docente, parei para refletir e tomei consciência da imensa responsabilidade que temos de aproveitar o nosso tempo dentro da escola para promover debates e discussões sobre os mais diversos assuntos, incluindo as relações de gênero. Sendo assim, se faz necessário destacar que é possível incentivar os alunos a, primeiramente, se posicionarem com argumentos bem elaborados e não apenas baseados no senso comum e, o mais essencial, respeitar as opiniões divergentes. E de que forma promover tais práticas? Pelo que tenho lido nas pesquisas elaboradas até o momento, o professor se destaca como um profissional que deve, independente de suas concepções particulares, promover a mediação do aluno com o conhecimento, pois informação eles têm de sobra nos dias de hoje, mas o que falta é transformar todo esse conteúdo informativo em conhecimento prático que venha colaborar positivamente para que todos possam expor seus pensamentos e sentimentos e serem respeitados.

Além disso, o que percebo enquanto busco subsídios teóricos para a elaboração desta pesquisa é quão necessário tem se tornado promover muito mais a temática relações de gênero, tanto no que diz respeito a ações nas escolas como, também, a partir da divulgação de mais pesquisas e estudos sobre tal tópico. No entanto, não se pode deixar de considerar que precisamos nos informar e buscar entender sobre qualquer assunto antes de levá-lo para uma sala de aula. Isso porque, é papel do professor ter subsídios e conhecimentos para conduzir um assunto que,

atualmente, ainda gera muitos desacordos e é visto como polêmica por boa parte da sociedade.

Por fim, almejo com este trabalho criar diálogos e, essencialmente, procurar aprender com os professores da área de minha formação. Além é claro, de buscar cada vez mais conhecimentos que possam colaborar de forma positiva para a minha prática profissional.

REFERÊNCIAS

BOTTON, A.; STREY, M. N. **Influências da literatura infantil brasileira no gendramento de meninos e meninas**. Disponível em:

<http://www.fazendogenero.ufsc.br/10/resources/anais/20/1384877692_ARQUIVO_AndressaBotton.pdf>. Acesso em: 16 set. 2014.

BRASIL. SECRETARIA DA EDUCAÇÃO FUNDAMENTAL. **Parâmetros Curriculares Nacionais: apresentação dos temas transversais, ética**. Brasília: MEC/ SEF, 1998.

CARVALHO, M. G.; TORTATO, C. S. B. Gênero: considerações sobre o conceito. In: LUZ, Nanci Stancki da, et al. (Org.). **Construindo a igualdade na diversidade: gênero e sexualidade na escola**. Curitiba: UTFPR, 2009.

FÉLIX, J. Gênero e formação docente: reflexões de uma professora. **Espaço do currículo**, UFPB, v. 8, n. 2, p. 223-231, 2015.

FERREIRA, B. M. M. L.; LUZ, N. S. Sexualidade e gênero na escola. In: LUZ, Nanci Stancki da., et al. (Org.). **Construindo a igualdade na diversidade: gênero e sexualidade na escola**. Curitiba: UTFPR, 2009.

FERREIRA, T. S. Formação de professores em gênero e sexualidade: olhares diversos. **Seminário Internacional enlaçando sexualidades – Direito, Relações Etnorraciais, Educação, Trabalho, Reprodução, Diversidade Sexual, Comunicação e Cultura**. Bahia, 2011.

GESSER, M.; OLTRAMARI, L. C.; PANISSON, G. Docência e concepções de sexualidade na educação básica. **Psicologia & Sociedade**, Florianópolis/SC, v. 27, n. 3, p. 558-568, 2015.

JOSSO, M. C. **Caminhar para si**. trad: Albino Pozzer; coord. Maria Helena Menna Barreto Abrahão. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010.

JOSSO, M. C. Experiências de vida e formação. Resenha de: PERES, L. M. V.; MANCINI, F. G.; OLIVEIRA, V. M. F. D. **Revista @ambienteeducação**, São Paulo, v. 2, n. 2, p. 152-156, ago./dez., 2009.

LEONE, N. M.; LEITE, Y. U. F. O início da carreira docente: dificuldades, preocupações e sentimentos. In: RIBEIRO, A. I. M., et al. (Org.). **Educação contemporânea: caminhos obstáculos e travessias**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2011. cap. 14, p. 279-297.

LOURO, G. L. Pedagogias da sexualidade. In: LOURO, G. L., et al. (Org.). Traduções: Tomaz Tadeu da Silva. **O corpo educado: Pedagogias da sexualidade**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. cap. 1, p. 7-35.

MOTTA-ROTH, D.; HENDGES, G. H. **Produção textual na universidade**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.